

REFLEXÃO

SOBRE O AFRESCO DA SANTÍSSIMA ANUNCIADA¹



Existem notícias seguras de um altar na igreja com a imagem de Maria Santíssima Anunciada desde 1341. Os documentos desta data não deixam de mencionar ofertas, lâmpadas, ex-voto e a instituição da Obra que deveria presidir os trabalhos de embelezamento ou de restauro na capela da imagem prodigiosa. Ainda hoje, podemos admirar, na sua particular beleza, o afresco que deu origem à fama do santuário.

A legenda narra que os Servos de Maria fizeram pintar o afresco da sua “Virgem gloriosa” em 1252, quando nascia a igreja de Santa Maria de Cafaggio. Agora, segundo os estudiosos, o afresco atual é dos anos 1300. Segundo frei Eugenio M. Casalini o afresco original se deveria encontrar debaixo (isto é por detrás) do atual afresco.

Conta-se que em 1252 a missão de pintar a cena da Anunciação (cf. *Lc* 1,26-38) foi confiada a um pintor chamado Bartolomeu, que colocou toda a sua perícia e a sua fé em representar dignamente a cena da Anunciação. Porém o devoto artista, ao delinear o rosto de Nossa Senhora, encheu-se de escrúpulo e de desconfiança na sua capacidade, e depois de diversas tentativas, que o deixavam sempre mais insatisfeito, caiu numa estranha sonolência. Quando se despertou, o milagre tinha se realizado e no afresco se admirava uma obra prima da fé, que depois de sete séculos continua maravilhando

¹ Ver: <http://annunziata.xoom.it/immagine.html>.

artistas e fiéis. Disse Michelangelo Buonarroti: *Onde foi feito o rosto da Virgem não é obra de pincéis, mas algo verdadeiramente divino.*²

Toda a Toscana, nos séculos XIII e XIV, foi um centro de devoção mariana: Sena, Florença, Pisa, Luca, municípios guelfos e gibelinos, vivenciaram lutas em prol da liberdade e da hegemonia política, colocando as próprias aspirações sob a proteção da Mãe de Deus. E os artistas, nas igrejas, nos nichos nos ângulos das estradas, sobre as portas de suas cidades, deixaram às gerações futuras uma documentação artística desta viva devoção da época. Porém, a cena evangélica que mais atraía os pintores era de fato o Anúncio do anjo à jovem de Nazaré.

Para os florentinos, dilacerados pelas lutas políticas e espirituais, este particular deveria ser rico de singulares significados. O anjo do Evangelho levou à Virgem de Maria o anúncio de uma boa-nova. A humanidade, com o nascimento de Cristo, indicava uma mudança na história; e para Florença a Virgem Anunciada era como uma *boa-notícia*, a síntese, o símbolo e o ideal de uma espiritualidade renovada. Basta recordar Dante Alighieri e os seus versos na *Divina comédia* (*O anjo, que da paz trouxe o decreto, tantos séculos com lágrimas pedido*: Purgatório, X, 34-35), para entender que os florentinos em 1200 recolhiam do relato da Anunciação um programa espiritual em contraste com a dureza dos tempos: “*paz*”, no lugar de guerras que não tinham tréguas; *confiança* na intercessão da Virgem *quem do supremo amor vovera a chave* (v.42), contra a falta de confiança nas relações humanas, tornada regra de saber viver, o apelo à humildade *Ecce ancilla propriamente* (v. 44), contra a ambição desenfreada que envenenava a vida urbana.

Não é secundário também um aspecto eclesial – também com recaídas sociais – que o mistério da Anunciação encarnava na época dos nossos primeiros Pais e que continua a ter uma profunda importância nos nossos tempos.

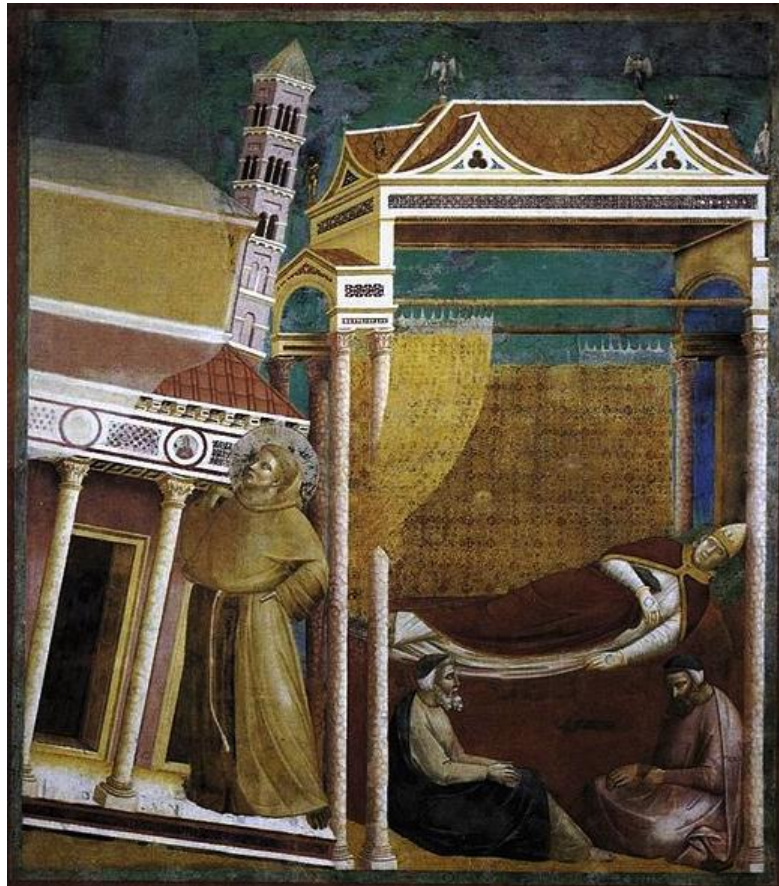
A Igreja de 1200 vivia de modo agudo as contradições ligadas à sua natureza divino-humana: em particular a riqueza de alguns ambientes da Cúria e de não poucos prelados desentoava em comparação com a vida descrita pelo Evangelho.

Por essa razão surgiram numerosos movimentos de pobreza evangélica, que desejavam reconduzir a Igreja à sua raiz evangélica. Não poucos destes movimentos se colocaram à margem da Igreja, identificando a justa contestação da Igreja com a inutilidade da instituição, e convocando-a a uma relação direta com o Senhor.

Outros movimentos, como o franciscano, decidiram contestar a Igreja desde o seu interno, com o testemunho pessoal e comunitário: o afresco do *Sonho do Papa Inocência III*³ de Giotto em Assis é emblemático desta posição.

² Cf. BOCCHI Francesco, *L'immagine della SS. Annunziata*, Firenze 1592, p. 80.

³ O *Sonho de Inocência III* é a sexta das vinte e oito cenas do ciclo de fresco das *Histórias de São Francisco* da Basílica superior de Assis, atribuídas a Giotto di Bondone (1267-1337). Foi pintada de modo verossímil entre 1290 e 1295 e mede 230 x 270 cm. Este episódio pertence à série da *Legenda*



A experiência originada pelos nossos primeiros Pais se coloca nesta linha de reforma “afetiva” e não só “efetiva”; e a escolha do mistério da Anunciação como uma das “imagens condutoras” é uma prova disso.

O afresco “paralisa” o momento no qual *O Verbo se fez carne*: a carne de Maria faz a experiência de “hospedar” Deus. Mas esta Encarnação continua na história: se o mistério da Encarnação fala de uma nova realidade divino-humana – a pessoa de Jesus Cristo –, esta realidade continua a ser misteriosamente presente através da Igreja, cuja natureza é exatamente análoga àquela do Verbo encarnado.

Afirmar a fé no mistério da Encarnação significa reconhecer a Igreja na sua natureza divino-humana, sem se escandalizar e com uma contínua tensão de reforma interna: assim os nossos primeiros Pais se colocaram na Igreja do seu tempo.

maior (III, 10) de São Francisco: durante um sonho o Papa viu o humilde Francisco que regia a Basílica de Latrão, que na época representava o que hoje representa São Pedro no Vaticano, isto é, o coração da Igreja latina. É proposta na imagem o leito em baldaquino com o Papa e dois guardas que dormiam (já presentes no *Sonho das armas* e na cena que de *Isaac que rejeita Esaú* do Mestre de Isaac), levado, porém para o lado direito, enquanto à esquerda se desenvolve o sonho, com uma basílica visivelmente inclinada sustentada com um gesto eloquente do santo, que aparece pela primeira vez vestido de frade. Com uma solução que seria impossível na realidade “material”, mas que é extremamente evocativa no plano “simbólico” e de profundo significado, Giotto – que muito provavelmente era Terciário Franciscano, como também Dante Alighieri – escolhe representar Francisco enquanto apoia a Igreja *com os pés dentro da sua base*, colocando assim em evidência a sua pertença à Igreja.

Nossa Senhora pintada a Santa Maria de Cafaggio pelo pintor Bartolomeu não é um documento inferior àquele dos outros pintores e aos versos de Dante.

Mesmo deixando de lado a legenda, é certo que os pintores florentinos chamados a pintar na primeira metade de 1300 o anúncio do anjo a Virgem, não esquecem o afresco de Santa Maria de Cafaggio, mesmo sem ter aquela intuição de poesia e fé que se encontram nele.



O anjo

O anjo entrou apenas há poucos instantes. A auréola, com raios dourados, o manto que voa, as asas ainda em movimento no vão da porta (mais que certa dureza de traços no rosto), nos dão a sua qualificação de criatura celeste. Ele já saudou a “Cheia de Graça”, ajudando-a a superar o temor inicial, explicando o mistério de uma virginal maternidade, e agora se encontra humilde, silencioso, de joelho sob o som daquelas palavras que decidirão o destino final da criatura humana.

Nota-se que nas representações artísticas da Anunciação do primeiro milênio, o anjo aparece sempre mais alto em relação à humilde Serva, ao invés daquelas do segundo milênio, e mais ainda nas do século XIII, nas quais o anjo aparece sempre mais baixo que a Virgem do *Fiat*, em quem o culto é em pleno crescimento.

De frente ao ícone da Anunciação se concentraram muitos fiéis e gerações de frades Servos de Maria, de ontem e de hoje. Foi uma fonte de inspiração para todos.

Nos eventos da vida, neste terceiro milênio, o Senhor não cessa de visitar os seus Servos, os Servos da humilde Serva, de nos enviar o seu anjo e não cessa de interpelá-los. Somos chamados a estar atentos – como a Virgem de Nazaré – à sua voz, a escutar os seus chamados, a fazer nossos os seus projetos. Não tenhamos medo de deixar que Ele perturbe os nossos programas e as nossas visões.



A Virgem

A Virgem está sentada sobre um trono ornado. Interrompeu a leitura de Isaías, e o livro aberto sobre o banco, apoiado numa almofada, sugere a passagem: *Ecce virgo concipiet...*⁴ Um raio de luz diagonal atinge o seu semblante com o grupo do Eterno Pai, em alto, na linha azul do céu, à esquerda do afresco.

E na sua simplicidade, o pintor, para dar movimento à resposta da jovem de Nazaré, escreve sobre o raio as palavras (que para nós se apresentam como refletidas no espelho) da sua resposta: *Ecce ancilla Domini.*⁵

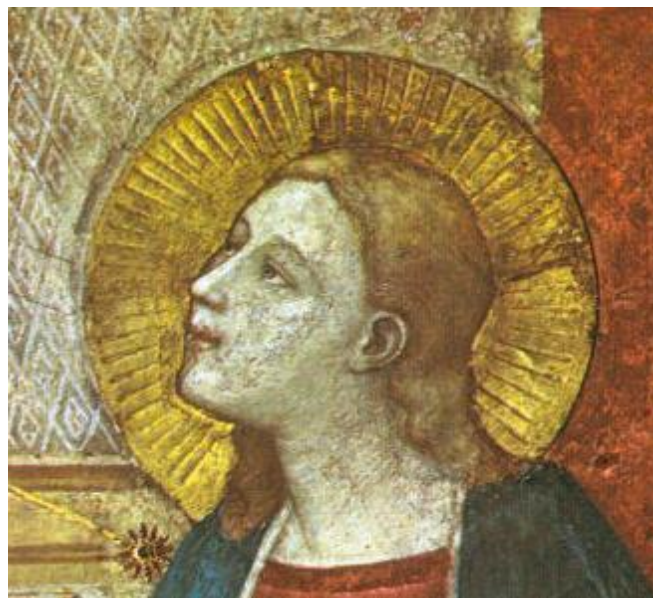
Mas a verdadeira resposta é o comportamento de Maria. O seu corpo é síntese de movimento e de espera. Uma curva delicada, um impulso “interior” dirige o seu busto em direção ao alto, acompanhando o rosto, o olhar, a linha tênue do pescoço e dos cabelos loiros. E o seio virgem – como uma concha aberta no revoltado branco do manto –

⁴ Is 7,14: *Eis que uma virgem conceberá e dará a luz um filho, que o chamará Emanuel* (Cf. Mt 1,23).

⁵ Lc 1,38: *Eis a serva do Senhor.*

e os braços abandonados, não rígidos, mas alongados à vida, e as mãos – unidas e pousadas com graça sobre os joelhos – são como palavras de espera: uma espera também “interior”: *Fiat mihi secundum Verbum tuum.*⁶

Meditando e rezando de frente à imagem da Anunciada, gerações de frades Servos de Maria, ao longo dos séculos, abriram como Ela a Sagrada Escritura e se deixaram instruir por Deus e pela sua Palavra, e aprenderam dela a responder “Sim”, a dizer com Ela: *Eis o servo do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra.* Dia após dia se deixaram formar, ou seja, modelar-se por Deus; como Ela, deixaram-se habitar pelo Verbo, Cristo Palavra de vida eterna, Caminho, Verdade e Vida,... e abandonaram bens, pensamentos, caminhos, para abraçar outros bens, pensamentos e caminhos de Deus, e, por fim, deixaram que fosse Deus a guiá-los.



O rosto

A legenda nos fala da beleza do rosto, porém é toda a pessoa de Nossa Senhora que nos conduz com “equilíbrio” a este rosto, que é um exemplo concreto das relações que devem ligar a criatura ao seu Criador.

Não medo e perturbação, como representarão muitas vezes os pintores dos séculos sucessivos, mas alegria calma e irmã; não submissão penosa, mas aberta aceitação e firme adesão à vontade divina; não pausa e busca, mas sinceridade consciente.

Nesta imagem de Nossa Senhora temos o exemplo mais verdadeiro da criatura “inteira”, reconstruída, no seu valor inicial, da Redenção. Este rosto, no qual ao longo dos séculos, os devotos leram a própria história e a própria salvação, explica, mais que a legenda, o aglomerar-se dos peregrinos e o florescer de graças e milagres ao altar de Nossa Senhora de Florença.

⁶ Lc 1,38: *Faça-se em mim segundo a tua palavra.*

Meditando e orando de frente à imagem da Anunciada, gerações de frades Servos de Maria, ao longo dos séculos, fixaram o olhar n' Ela, a Virgem do “Sim”, e perceberam que naquele rosto, que experimentaram temor e medo, retornou a paz: a paz de uma plena adesão a Deus e aos seus projetos, a paz de quem aceita fazer parte da eterna história de amor e de salvação que vem de Deus e que a Deus reconduz, a paz de quem se abandona plenamente em Deus segundo o ditado de Santo Agostinho: “Fizeste-nos para Ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em Ti.”⁷

Criados à imagem de Deus e para Deus

Aos discípulos dos fariseus e aos herodianos que buscavam surpreendê-lo em falta nos seus discursos (cf. *Mt* 22,15) e que lhe perguntaram se era lícito ou não pagar o imposto de César, Jesus fez notar que a imagem e a inscrição sobre a moeda do imposto era de César e disse: “*Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*” (*Mt* 22,21). Na nossa vida quotidiana neste mundo, não podemos servir a dois senhores, Deus e a riqueza (cf. *Mt* 6,24), buscar as coisas do alto e as da terra. Nós, que fomos criados por Deus à sua imagem (cf. *Gn* 1,26-27), devemos fixar o nosso olhar em Deus e oferecer-nos (imagens de Deus) a Deus, dar a terra aquilo que é da terra (os bens da terra) e a Deus aquilo que é de Deus (nós mesmos).

O olhar de Santa Maria – e o seu seio ligeiramente inclinado para frente – no afresco da Anunciada exprime este santo propósito: dar a Deus aquilo que é de Deus, isto é, ela mesma; um propósito que fazemos também nós.

⁷ Santo Agostinho, *Confissões* 1,1.